

# Uma experiência bem-sucedida no sertão baiano

*Pequenos agricultores de Valente se uniram transformando o semi-árido*

LUCIANA NUNES LEAL

**R**IO – As 450 famílias da Associação de Pequenos Agricultores de Valente (Apaeb), município pobre no sertão da Bahia, especializaram-se na arte de tirar proveito da precariedade do semi-árido. Construíram uma fábrica de tapetes e carpetes de sisal, criaram um sistema de irrigação que demanda apenas 40 litros de água por dia, desenvolveram um sistema de energia solar para levar eletricidade às casas, montaram uma usina de leite de cabra e um curtume. Ainda estão fazendo uma experiência com criação de codornas.

Além de todas essas atividades, os produtores rurais ainda tiveram de se dedicar a um novo aprendizado: a gestão do próprio negócio. Em cinco anos, a proporção de associados que têm renda de mais de R\$ 200 mensais passou de 3% para 42%. A Apaeb emprega 800 pessoas e gerou um desenvolvimento local que levou à inauguração de cinco restaurantes e à reforma dos dois pequenos hotéis de Valente.

Na quarta-feira, a bem-sucedida história da Apaeb ultrapassou a divisa do Estado e foi parar no centro do Rio. O diretor-executivo da associação, Ismael Ferreira de Oliveira, filho de camponeses da região, fez uma apresentação sobre o trabalho na sede do BNDES. Levou tapetes, doce de leite, sapatos e cintos, tudo fabricado em Valente. Outros três casos de associações e cooperativas voltadas para a população de baixíssima renda foram levados aos técnicos. Foram relatadas experiências com os catadores de lixo de Belo Horizonte, os produtores de melão do Rio Grande



Reprodução

A cooperativa possibilitou uma série de atividades como a produção de artesanato variado de sisal

do Norte e a agricultura familiar do Paraná.

O interesse do BNDES nos relatos foi motivado pelo Programa Desenvolvimento Local, específico do banco, que visa a incentivar iniciativas de produção local que envolvam pessoas de baixíssima renda, aproveitando a vocação da região. “Com esse programa, chegase a regiões muito pobres onde o banco jamais chegaria”, diz a diretora da área Social do BNDES, Beatriz Azeredo. O programa está na fase de buscar grupos de pessoas nas regiões mais pobres do País, seja na área urbana ou rural, e ajudá-las a se organizar em associações ou cooperativas. “Esses grupos, quando organizados, serão os futuros clientes do ban-

co”, diz o superintendente da área de desenvolvimento social, Pedro Duncan.

Para esta fase de estímulo à formação de grupos de desenvolvimento local, o banco fez um acordo de cooperação técnica com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Serão investidos R\$ 5 milhões na identificação e colaboração técnica para implementação das associações e também para ampliação das que já existem. Nesta primeira fase, a verba não é emprestada, mas doada aos potenciais associados ou cooperativados.

A Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (Asmare), de Belo Horizonte, está negociando seu primeiro financiamento

com o BNDES, no valor de R\$ 1,8 milhão, para disseminar a experiência em 40 cidades mineiras. Hoje, a Asmare tem 356 associados. A maior parte (34%) dos catadores tem renda mensal de 1 salário mínimo. Trinta e dois por cento dos associados passaram para a faixa de 1 a 2 salários mínimos e 25% chegam a ganhar entre 2 e 3 salários mínimos. Ainda é baixo o percentual de catadores de lixo que ultrapassam os 3 salários mínimos de renda mensal.

Apesar da baixa remuneração, não há comparação com a qualidade de vida dos catadores antes de formarem a associação. Além de catar, eles selecionam e fazem reaproveitamento do lixo, vendendo o material obtido para empresas de reciclagem ou para os chamados atravessadores, donos de depósitos. “Agora, os catadores vendem para quem oferece o melhor preço”, contou aos técnicos o administrador-geral da Asma-

re, José Aparecido Gonçalves, integrante da Pastoral de Rua e consultor do Unicef para o programa Lixo e Cidadania.

A fase mais difícil na formação da Asmare foi a aproximação com os catadores. “Eles desconfiam do mundo, tendem a achar que qualquer que se aproxime é uma ameaça”, diz José Aparecido. Além da renda com venda dos produtos, a Asmare recebe R\$ 40 mil mensais da prefeitura de Belo Horizonte. “O que eles fazem é um serviço público e são remunerados por isso”, disse o administrador aos técnicos que questionaram o fato de a associação ter vínculo com o governo municipal.

Além de técnicos do BNDES, do Pnud e de outras instituições de estímulo ao desenvolvimento local, também ouviu o relato dos associados e cooperativados o economista espanhol Francisco Alburquerque, especializado em desenvolvimento econômico local na América Latina.

Em comum, as iniciativas têm o grande desafio de chegarem a ser auto-sustentáveis. “Muitas vezes o problema não são os recursos, mas como transferir, gerir”, diz o agricultor Assis Miguel do Couto, representante da paranaense Cooperativa Central de Crédito Rural com Interação Solidária (Cresol), que já reúne 46 cooperativas de crédito para agricultura familiar com 17.500 associados. A Cresol atua como um agente na concessão de créditos aos pequenos agricultores. Em 1999 e 2000, o BNDES aportou R\$ 9 milhões para o crédito e fez um financiamento de R\$ 1,3 milhão à cooperativa para um fundo rotativo para investimentos fixos.

Francisco Alburquerque destacou a importância de a comunidade conhecer o projeto para nele se envolver de alguma forma. Destacou a necessidade de cada grupo ter uma marca que individualize o que produz.

**C**IDADE  
 GANHOU  
 ATÉ ENERGIA  
 SOLAR